

UFRRJ

EXTENSÃO

Ações sociais transformadoras

Programa para o desenvolvimento das comunidades locais

De igual para igual

Parceria de agricultores e técnicos

Aprimorando a criação

Projeto apóia produtores de caprinos e ovinos

Jardim Botânico

30 anos de história na Rural

Assistência técnica para florestas

Técnicos da Rural apóiam reflorestamento

Prevenir é sempre melhor

Atividade física e integração social entre idosos

Valorizando o currículo

Residência em agronomia fora dos portões da universidade



Laboratório do Instituto de Biologia

Nosso saber está na natureza.





Capa: Rebanho de ovelhas
Projeto: NECO - Núcleo de Estudos de Caprinos e Ovinos da UFRRJ

5 Editorial

Mergulho na dimensão própria da vida.

6 Ações sociais eficientes e transformadoras

Programa para o desenvolvimento de comunidades locais.

8 De igual para igual

Agricultores e técnicos em parcerias para produção rural.

10 Assistência técnica para florestas

Técnicos da Rural apóiam reflorestamento.

12 Jardim Botânico

30 anos de história na Rural.

16 Aprimorando a criação

Projeto apóia produtores de caprinos e ovinos.

18 Prevenir é sempre melhor...

Atividade física e integração social entre idosos.

20 Para guardar na cabeça e no currículo

Residência em agronomia fora dos portões da universidade.

22 Mensagem de despedida

Singela homenagem à professora Tânia Melquiades.

Ricardo Motta Miranda – Reitor

Ana Maria Dantas Soares – Vice-reitora

Pedro Paulo de Oliveira Silva – Decano de Assuntos Administrativos

Eduardo Mendes Callado – Decano de Assuntos Financeiros

Carlos Luiz Massard – Decano de Assuntos Estudantis

Nídia Majerowicz – Decana de Ensino de Graduação

José Cláudio Souza Alves – Decano de Extensão

Áurea Echevarria – Decana de Pesquisa e Pós-Graduação

Aloísio Jorge J. Monteiro – Assessoria de Desenvolvimento Institucional

Teresinha Sena Pacielo – Assessoria de Informação e Comunicação

Maurício Rocha Lucas – Assessoria de Infra-estrutura Institucional

Clarindo Aldo Lopes – Assessoria de Produção Integrada Institucional

José Antônio Pimenta Barros – Chefe de Gabinete

Gilberto Silva Reis – Diretor da Imprensa Universitária

DECANATO DE EXTENSÃO

www.ufrrj.br/portal/extensao/ e-mail: dext@ufrrj.br

Campus Universitário da UFRRJ - Pavilhão Central - Sala 67

BR 465 Km 7 - Seropédica - RJ - CEP: 23890-000

Telefax: 0xx 21 2682-1113 / Tel.: 0xx 21 2682-1220 Ramal: 479

REVISTA EXTENSÃO

www.ufrrj.br/portal/revista_ext/revista.htm

e-mail: revistaextensao@gmail.com

Diretor: José Cláudio Souza Alves

Coordenador: Nildo Marques

Editor: Fernando Menucci

Redatores: Fernando Menucci e Jaqueline Felix

Projeto Gráfico e Diagramação: Nildo Marques

Fotografia e Edição de Imagens: Salete Pena

Campanha Publicitária UFRRJ:

Nildo Marques e Salete Pena

Produção Gráfica: Decanato de Extensão

Impressão: Imprensa Universitária - UFRRJ

A Revista Extensão é uma publicação bimestral do Decanato de Extensão da UFRRJ. As idéias dos entrevistados e os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização. Editada e distribuída pela UFRRJ.

Distribuição interna: Reitoria, Pró-Reitorias, Departamentos, Institutos Multidisciplinares, Grupos Organizados e estudantes.
Distribuição externa: Campus UFRRJ - Três Rios, Pró-Reitorias de Extensão das universidades públicas, Secretaria Estadual de Educação, Prefeituras, Secretarias Municipais de Educação e Escolas da Rede Pública dos municípios vizinhos.

Tiragem: 2.000 exemplares
Número 03 - Ano 1



A extensão, por não caber em si, vive permanentemente na fronteira. No limiar de conhecimentos e práticas muitas vezes não identificadas ou reconhecidas. O conhecimento da sala de aula ou do laboratório torna-se relativo. As condições reais de um criador de caprinos, de um agricultor familiar, do mais sábio que acumulou experiências ao longo da sua vida impõem problemas que somente a prática, o diálogo e muitas vezes a transgressão do convencional permite compreender.

O outro é o coração da extensão. Outro aqui como o desconhecido, o diferente, o muitas vezes não classificado, o estranho, aquele que se distingue completamente.

No encontro com o outro, o imprevisível. Não há grandes certezas. As combinações de elementos presente na criação de um animal, no plantio, na convivência humana, por mais simples que pareça muitas vezes esbarra em desafios insuperáveis.

A relação entre degradação ambiental, doenças, pobreza, ausência de políticas públicas e desconhecimento fazem parte do cotidiano da extensão. Os que se põem o desafio sentem na pele os efeitos de fatores, muitas vezes subestimados, nos resultados alcançados, para o sucesso ou insucesso.

A extensão, assim, quando compreendida mergulha na dimensão própria da vida. Complexa e simples. Frágil e resistente. Dura e maravilhosa. Algo do qual fazemos parte, sem muitas vezes entender direito. Enfim, um grande mistério.

É com este espírito que a extensão da UFRRJ acolhe Tânia Mara Melquiades de Souza. Não nos detemos na sua ausência, na tristeza de não tê-la entre nós. Trazemos sua presença, nos limites que a própria extensão nos introduz. Limites da compreensão do que é a vida e daquilo que lhe dá sentido.

Agradecemos, assim, a ela. Que na simplicidade da sua vida nos revelou o que tinha de melhor. E que ao compartilhar conosco, nos permitiu entender e viver, um pouco mais, o significado das coisas que nos movimenta na direção do outro. A extensão, assim, esbarra na fronteira do que é eterno nela mesma. Obrigado Tânia.

José Cláudio Souza Alves
Decano de Extensão

Ações sociais eficientes e transformadoras

Programa visa à integração com a universidade, realizando projetos para o desenvolvimento de comunidades



Produtor rural preparando a terra para produção agrícola

Há cerca de dois anos e meio, as comunidades ao redor dos campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro participam de projetos que facilitam seu dia-a-dia e permitem sua inclusão social, assim como sua integração com a universidade. Essas novas experiências são os frutos do Programa Bolsas Institucionais de Extensão por Edital. Mais conhecido como BIEXT, a iniciativa tem como objetivos, além da prestação de serviço às comunidades locais, a partir de ações de extensão estruturadas em conjunto com a população, o enriquecimento da formação acadêmica dos alunos participantes.

O programa é desenvolvido por professores e estudantes bolsistas da Rural e do Colégio Técnico da UFRRJ (CTUR), organizados em grupos de trabalho dos seus respectivos projetos e é acompanhado e avaliado por uma comissão de professores nomeada pelo Decano de Extensão. Sob a coordenação da

professora Edna Riemke de Souza, do Departamento de Solos do Instituto de Agronomia, o BIEXT já pôs em prática 64 projetos, nos quais trabalharam 106 alunos, apoiados com 12 meses de bolsas de extensão.

Projetos múltiplos a favor da sociedade

Desde o lançamento, os projetos contemplaram, sobretudo, as comunidades dos municípios de Seropé-



Agricultores familiares avaliando produção de tomates

Foto: Acervo BIEXT

dica e Nova Iguaçu, com atividades que atendem a quatro temas principais: apoio à produção agropecuária; desenvolvimento rural em assentamentos e outros grupos comunitários organizados (incentivo à produção artesanal de alimentos através da economia solidária); ações educacionais em escolas de ensino fundamental; e estímulo à saúde e qualidade de vida.

“Conforme estipulado em seus editais, o BIEXT tem priorizado projetos cujas ações visam promover o desenvolvimento de tecnologias sociais, por meio de soluções criadas na interação com a população, como resposta aos problemas que ela enfrenta. Para isso, é fundamental que as ações tenham metodologias que levem em conta as tradições, os arranjos organizacionais, os saberes

locais, o potencial natural da região, enfim, a realidade histórica, econômica, social e cultural”, diz Edna.

Então, com intuito claro de fortalecer o caráter público da universidade, os projetos selecionados apresentam ênfase na inclusão e responsabilidade social e estabelecem uma relação direta da extensão com o ensino e a pesquisa.

Atendimento a demandas

O sucesso obtido pelo programa mostra que a universidade pode ter um papel muito importante em suas comunidades vizinhas quando identifica as demandas e se planeja bem para atendê-las. Não é à toa que, ao fim de cada projeto, a população local pede para que as ações implementadas tenham continuidade.

Todos os projetos do BIEXT estão alinhados com as metas do atual plano nacional de extensão universitária do MEC-SESU e se enquadram nas prioridades desse órgão federal, dentre elas: formação de professores para o sistema educacional; atenção integral à família; combate à fome; educação de jovens e adultos; desenvolvimento social e juventude; geração de trabalho e renda em economia solidária; promoção e prevenção à saúde; combate da violência urbana; noções de direitos humanos; atenção e apoio aos idosos, aos portadores de deficiência, às populações indígnas e quilombolas; estímulo à educação ambiental e ao desenvolvimento comunitário; inclusão étnica; e apoio à organização e desenvolvimento comunitários. 



Foto: Acervo BIEXT

Bolsista diagnosticando doenças no plantio de hortaliças



De igual para igual

Parceria entre ONGs de desenvolvimento rural e a UFRRJ propõe participação ativa de agricultores em produções acompanhadas por técnicos

“Participar se aprende participando”. Com esta emblemática frase, José Marques de Sousa Neto resume o espírito do trabalho desenvolvido pelo DASARA (Desenvolvimento Agrícola Sustentável em Áreas da Reforma Agrária), projeto de extensão que coordena.

Aparentemente mais um projeto de apoio à produção rural, o DASARA se diferencia dos demais, principalmente, por trazer uma relação de igual para igual entre técnicos e produtores. A comunicação, como o próprio José Marques faz questão de ressaltar, é horizontal. Sem distinção de supostos níveis, técnicos e agricultores se fazem sujeitos num diálogo entre saberes, que pode gerar novas formas de enfrentamento das dificuldades produtivas e de organização comunitária.

A universidade entra com a parte teórica, mas sem negligenciar, em hipótese alguma, o trabalho prático. A finalidade do projeto é fomentar o desenvolvimento agrícola local com o envolvimento direto dos agricultores, fazendo de maneira que as atividades se comportem como um processo de educação para a participação dialógica. Segundo o coordenador José Marques, este é o elemento fundamental. “Normalmente, projetos têm cursos de formação e financiam algumas produções. Os nossos sempre constroem instalações de beneficiamento e financiam produções com micro-crédito. Nossa idéia é que o projeto mesmo funcione como processo de aprendizagem para o aperfeiçoamento das produções e das organizações dos agricultores. É um espaço de construção horizontal”, explica

A ênfase central do DASARA é a de promover a produção rural, sempre em parceria com outra entidade: na maioria das vezes, uma ONG. O projeto teve origem ao fim do século passado, quando José Marques estava completando sua graduação em Ciências Agrícolas aqui na Uni-



Plantador de pimenta



Sala de mel

versidade Rural. Na época, ele começou a fazer um estágio em Tinguá, Nova Iguaçu, na ONG italiana Císv (Comunidade de Empenho em Serviço Voluntário), que trabalhava com desenvolvimento na área rural. Logo ele percebeu que a organização tinha um forte interesse em comum com ele: trabalhar em processos participativos de desenvolvimento rural.

Assim, de 1999 a 2001, foi desenvolvido um projeto piloto em São Bernardino (Vila de Cava, Nova Iguaçu), que colocava profissionais e estagiários da universidade (juntamente com o pessoal da ONG) em contato com produtores rurais. Neste momento, foi elaborado um projeto que comportava curso de formação, micro-crédito e constituição de grupos de produção em temáticas indicadas pelos próprios produtores envolvidos. Era um trabalho de extensão rural, fomentando o desenvolvimento local.

“A partir deste projeto-piloto, começamos a conhecer a realidade do distrito agrícola 'Rio do Ouro', em Magé. Este contato se deu por meio

de uma ONG de Petrópolis, chamada SEOP (Serviço de Educação e Organização Popular)”, conta José. O coordenador acrescenta que o SEOP trabalhava em Magé com um fórum de discussão política a respeito da problemática da agricultura local, que envolvia os representantes das associações de agricultores e o sindicato rural.

Em Magé, o projeto deixa de ser piloto

Tão logo o DASARA fez contato e começou a interagir dentro do fórum promovido pelo SEOP, em Magé, o projeto ganhou maiores proporções. “Conhecendo Magé e os fóruns, construímos um projeto que foi apresentado ao Ministério das Relações Exteriores da Itália, que só foi começar de fato três anos depois, por razões envolvendo a política italiana”, diz José Marques.

Assim, o DASARA foi lançado em versão definitiva a partir de novembro de 2004, em Magé. O projeto durou três anos. O SEOP, parceiro desde o princípio, vinha de uma cri-

se grave, mas permaneceu colaborando, naturalmente, de maneira sutil. Deste ponto em diante, a Rural passou a executar as ações com estagiários e pessoas formadas.

A primeira dificuldade encontrada foi o ceticismo dos envolvidos. “No primeiro diagnóstico que fizemos, constatamos que o espírito associativo dos agricultores estava abalado. As pessoas eram sócias das associações, mas não participavam e não iam às reuniões, mantendo uma visão muito negativa a respeito da organização comunitária. Foram muitos os relatos em que os agricultores falavam que se juntarem a associações ou cooperativas não levaria a nada, pois estas atendiam principalmente aos interesses pessoais de alguns”, revela José.

O coordenador conta que, inicialmente, o projeto fora elaborado com os líderes das associações alguns anos antes. Era previsto um conjunto de cursos (cerca de 1000 horas de treinamento), um fundo de micro-crédito, a construção de três agro-indústrias e a construção de um espaço para comercialização. Estes eram os grandes compromissos. Mas nem tudo saiu como o esperado.

“Quando verificamos o olhar negativista dos agricultores, a coisa mudou. Passamos, então, a buscá-los individualmente, pois não poderíamos atingi-los pelas associações”, conta José. Dessa forma, o DASARA conseguiu mais de 400 participantes nos cursos, que eram ministrados de maneira totalmente aberta a diálogos. Os temas eram trabalhados e construídos coletivamente entre agricultores e técnicos. Ao fim do curso, as pessoas poderiam apresentar uma proposta de produção solicitando financiamento com micro-crédito.

Depois da primeira fase de treinamento, as pessoas começaram a se organizar em grupos de produção, reunidos pelos próprios cursos. Estes grupos passaram a definir e decidir entre seus integrantes o tipo de agro-indústria e estrutura de vendas que os projetos deveriam aplicar ao orçamento. Com isto, assumiram o papel de interlocutores com a coordenação do projeto.

José conta que esta foi uma grande mudança, pois no projeto

inicial eram previstos os gastos, que foram re-discutidos posteriormente. O desafio era garantir que o investimento fosse empregado em auto-desenvolvimento. A idéia era decidir como e quanto os técnicos participariam dos projetos propostos.

Coopagé

Ao fim do projeto, em 2007, teve início um novo desafio: levar as atividades adiante. Do DASARA, havia uma pequena agro-indústria de transformação de vegetais, uma sala de mel, um viveiro de produção de mudas e um espaço para comercialização.

Naquele momento, começou-se a pensar a respeito de como seria o pós-projeto. Foi quando houve uma aproximação entre o DASARA e uma antiga cooperativa de agricultores de Magé: a Coopagé.

Inicialmente, as pessoas mostraram um certo receio de se aproximarem das cooperativas. Porém, diante da necessidade de oficialização, uma discussão sobre a formalização do processo se iniciou. As pessoas da Coopagé eram conhecidas dos beneficiários do DASARA, sendo que uma parte destes decidiu destinar a verba do projeto para a sala de vendas, que seria a sede também da Coopagé. Dali para frente, a união estava formalizada.

Não foram todos os participantes do DASARA que se uniram à cooperativa Coopagé. Um outro grupo seguiu de maneira informal com as atividades da agro-indústria e o viveiro. A Cisv, ao fim do projeto, iniciou uma nova parceria, mas com a própria Coopagé.

“Daí, fizemos um novo projeto, este em apoio à Coopagé e reforçando sua autonomia. É um projeto menor, de dois anos, e financiado pela Conferência Episcopal Italiana, a CNBB, aqui no Brasil”, conta José Marques, hoje fazendo mestrado pelo PPGA (Programa de Pós-Graduação e Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Analisando o desempenho de seu próprio projeto, José Marques comenta que o maior sucesso da iniciativa pode ser visto em um confronto com o diagnóstico da situação encontrada em 2004. Segundo ele, o DASARA colaborou para que as pessoas redescobrissem a motivação de estarem juntas. A motivação de se unir para solucionar problemas comuns.

“Havia um negativismo com relação à organização comunitária. Mas isso mudou. Pessoas que entraram na Coopagé completamente descrentes agora começam a se organizar para montar chapas para eleições da cooperativa”, conta. 



Curso de criação de galinhas

Foto: Geivo DASARA

Assistência técnica para florestas

Conheça o projeto “Semeando o Verde”, que põe técnicos da Rural em contato com produtores interessados em reflorestamento

Qual o alcance da universidade? Em ações diretas, a tendência é pensarmos nos limites impostos pelo próprio território. No entanto, alguns projetos de extensão parecem estender consideravelmente estes limites. É o caso do “Projeto Semeando o Verde: trabalho, conservação e renda”, apropriado título para o trabalho de apoio ao reflorestamento, realizado pelo Instituto de Floresta da UFRRJ e o Governo Federal, por meio do Programa Nacional do Meio Ambiente (PNMA).

Em vigor desde 2004, o núcleo da Baixada Fluminense do projeto de extensão oferece assistência a agricultores dos municípios de Itaguaí, Nova Iguaçu e Duque de Caxias. A intenção é dar assistência e extensão ao PRONAF Floresta (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e Eco-sustentabilidade nestes locais.

No início, foi realizado uma espécie de diagnóstico rural dentre os produtores da região. Dali identificou-se os agricultores que se encaixavam no perfil desejado para o projeto e estavam interessados no plantio florestal. A partir deste momento, iniciou-se uma relação de parceria com estes produtores, onde a Universidade entra com o apoio técnico e a orientação necessária para o melhor andamento do cultivo. Ao produtor, cabe cuidar de sua parte no projeto, ou seja, a própria floresta.

A partir do momento em que adere ao projeto, o produtor é regularmente visitado por um técnico da Universidade Rural, que acompanhará seus resultados, sempre orientando e apoiando no que for necessário.

Os resultados são evidentes em muitos dos casos. Rafael Dias Mayer, um dos técnicos do projeto, comenta que diversas produções tive-

ram um desenvolvimento satisfatório. Dentre estas ele destaca duas em especial. A primeira é uma plantação de eucalipto. Rafael conta que, ao ver o crescimento da produção, foi conhecer os novos números e se deparou com uma inesperada precisão por parte do agricultor. “Eu fui contar os pés de eucalipto e o produtor me disse: “não precisa contar, eu tenho exatamente 763 pés”, lembra. O segundo caso de destaque é uma plantação de palmito e banana, de um tradicional produtor de goiaba, dentre outros itens. Os resultados de tais produções são vendidos diretamente para clientes em feira. “Ambos os produtores seguem à risca nossas orientações, mantendo o plantio com muita regularidade”, revela Rafael.

Como qualquer projeto, o “Semeando o Verde” também tem suas dificuldades. A primeira delas é a constante necessidade de um carro para que os técnicos possam visitar as propriedades, todas distantes da universidade. Como só há um veículo à disposição (um Fiat Strada doado pelo FNMA), os profissionais têm de se organizar para uma melhor utilização do mesmo. Por muitas vezes, as propriedades se localizam em áreas rurais, o que exige uma certa

descoberta de caminhos, tomando algum tempo. Além disso, nem sempre se consegue encontrar o produtor no local, o que dificulta ainda mais o processo.

Há também os investimentos perdidos, ou seja, plantios que não deram certo. “Teve um caso em Capivari (Caxias) onde o governo tem um novo plano de fazer “Nova Caxias”, expandindo a parte imobiliária, com um grupo comprando todas as propriedades em torno da cidade. Desta forma, os agricultores têm uma boa resposta financeira e vendem as propriedades. Com isso, perdemos dois produtores por um motivo que jamais imaginaríamos quando fomos para lá”, diz Rafael.

Outro caso lembrado foi o de uma senhora que se mudou, tendo de abandonar a propriedade e a plantação, conseqüentemente. “As pessoas nos comunicam, mas a gente perde o trabalho por lá”, lamenta o técnico.

Retorno Financeiro e Pessoal

A floresta é vista como uma área para preservação, mas não pode ser



Coveamento do terreno para implantação de mudas

Foto: Acervo Semeando o Verde



Foto: Acervo Semeando o Verde

desprezada como opção de renda, além da melhora do ambiente. “Não queremos uma conotação ecológica apenas. Produzir de maneira sustentável é muito mais interessante. Não é apenas reflorestamento, é um trabalho de engenharia de produção. Mostramos para o pequeno agricultor que ele pode viver da terra, da floresta”, ressalta Rafael.

O técnico lembra ter visitado uma grande propriedade, na qual o produtor queria a recomposição da mata auxiliar, mas por motivos “visuais”. Era a reconstituição do local como paisagem. É outra forma de se encarar o projeto e o reflorestamento. Valoriza a propriedade em diversos aspectos. Há também a necessidade de se manter a renda, como no caso do produtor de eucalipto, onde o apelo é ecológico, turístico e econômico.

Não se pode negar que o projeto traz um grande intercâmbio de conhecimento entre o técnico e o produtor, porém, em termos pessoais, a troca parece ser ainda maior. “Ficamos amigos dos produtores. Somos muito bem recebidos nas propriedades. A troca humana é incrível. Em muitos casos, eles são isolados até

dos vizinhos. Às vezes, chegamos lá e conversamos com eles, distanciando da relação técnico-produtor e se aproximando da relação de amizade. Tive um ganho absurdo como ser humano. A gente nem imagina que no Rio de Janeiro haja uma estrutura rural como lá. É outra realidade”, conta Rafael.

Constante crescimento

Atualmente, o projeto conta com quatro técnicos bolsistas: Ester, Rafael, Elisa e Fernando. As funções são bem distribuídas e organizadas pela Ester Bullich e o coordenador Carlos Alberto Moraes Passos, do Departamento de Silvicultura, do Instituto de Floresta, da UFRRJ.

A equipe é razoavelmente nova no projeto, com exceção da Ester, mas vem obtendo muita experiência no contato com as propriedades. Segundo o coordenador Carlos Alberto, a aproximação com os produtores é bem fácil e independe da equipe, pois eles são muito receptivos, facilitando o trabalho.

Há grupos treinados para divulgar o PRONAF na região, o que acabou trazendo alguns contatos para o

“Semeando o Verde”. Rafael Dias comenta que os técnicos saíram em campo e conseguiram que outros se interessassem. “Às vezes, os próprios produtores tomam a iniciativa de nos procurar”.

O projeto também realiza workshops e cursos, que acabam servindo como divulgação e integração entre os produtores. Nestes eventos, pode-se reconhecer pontos positivos e negativos do projeto, passo essencial para o crescimento de qualquer atividade. **B**

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF é um programa do Governo Federal criado em 1995, com o intuito de atender de forma diferenciada os mini e pequenos produtores rurais. Tem como objetivo principal o fortalecimento das atividades desenvolvidas pelo produtor familiar, de forma a proporcionar-lhe um aumento de renda e valorizar seu produto e sua propriedade, mediante a modernização do sistema produtivo e do próprio método de trabalho do agricultor e sua família.



PROJETO

Jardim Botânico

*Conheça o Jardim Botânico da Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. ►*



Nesta edição, a Revista Extensão vem contar um pouco da história do Jardim Botânico da Universidade Rural, que embora já exista há quase 30 anos, ainda é ignorado por uma parcela significativa da comunidade universitária e circunvizinha, apesar de a mídia estampar todos os dias em seus noticiários, o fato de que a manutenção da vida no planeta depende diretamente da preservação do meio ambiente.

História

O Jardim Botânico da Rural, embora fundado oficialmente no final de 1978, deu seus primeiros passos no ano de 1952, quando alguns professores da Área de Botânica, motivados pela falta de material botânico disponíveis nas proximidades para suas aulas práticas, decidiram fazer o plantio de um arboreto. Este recebeu o nome de Horto Botânico, funcionando como tal até 1975, ano em que a administração superior, na época, resolveu transformá-lo em estacionamento oficial da universidade. Com isso, muitas dificuldades criaram-se para o Departamento de Botânica que, mais uma vez, funcionaria sem sua área de coleta de material didático.

No final de 1978, quando o Prof. Arthur Orlando Lopes da Costa assume a reitoria, a idéia de criar um Jardim Botânico é por ele retomada, tendo o apoio dos conselhos superiores da universidade. Para tanto, o reitor baixa duas portarias: a primeira destinando um espaço de 163.500m² e uma residência oficial nele contida para serem, respectivamente, área e sede do Jardim Botânico da UFRRJ; a segunda criando um grupo de trabalho para a implantação do projeto, cuja coordenação foi confiada ao Prof. José Lobão Guimarães, que imediatamente deu início aos trabalhos de implantação do órgão, permanecendo em sua coordenação até o final da década de 1980.

A implantação do projeto foi de muito difícil execução, pois só dispunha, em seu quadro funcional, de: um coordenador, um engenheiro agrônomo, um secretário administrativo e quatro funcionários de campo,



Vista parcial do lago do Jardim Botânico

os quais só tinham algumas ferramentas manuais e nenhuma máquina para realizar os trabalhos, bem como nenhuma dotação orçamentária. Diante de tal situação, chegou-se à conclusão de que a criação de um viveiro para a produção de plantas arbóreas e ornamentais seria a melhor solução para tantos problemas. Essas plantas serviriam não apenas para a formação das coleções vivas do Jardim Botânico, mas também para a venda, disponibilizando assim, recursos para suprir algumas das necessidades básicas que se faziam necessárias e urgentes.

No entanto, para que este projeto de produção obtivesse êxito, era necessário dispor de mais mão-de-obra para sua continuidade, então, vagas para estágio, com bolsa de alimentação, foram abertas para 90 estudantes dos cursos ligados às Ciências Agrárias. Contando com esse apoio inestimável de nossos estudantes estagiários e com o da Valmet do Brasil, que, através do seu Diretor Técnico e ex-aluno desta casa Dr. Nivaldo Badessa, dou temporariamente um trator agrícola, foi possível domesticar toda a área e dinamizar trabalhos como a construção do lago e da ilha e a formação

das coleções. No final de 1980, o trator foi devolvido à Valmet do Brasil para avaliação técnica, já que se tratava de um protótipo. Em seguida, a universidade adquiriu para o Jardim Botânico, um trator Valmet 65 id, que assiste o órgão até hoje.

Atualmente, o Jardim Botânico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro dispõe de 1500 espécies na coleção viva, distribuídas em aproximadamente 70 famílias; um herbário de sigla RBE, com aproximadamente 2.237 excicatas, registrado no *Index Herbariorum* (órgão com sede nos Estados Unidos e que controla o registro dos herbários mais importantes do mundo); uma pequena biblioteca temática; uma coleção de plantas medicinais; uma coleção de bromélias; uma carpoteca; um viveiro de mudas; uma coleção de palmeiras com aproximadamente 37 espécies e um total de 150 exemplares; e as pequenas coleções de orquídeas, helicônias e trepadeiras.

Embora o órgão tenha em seu quadro uma carência crônica de pessoal técnico especializado, tem conseguido avançar em seus objetivos com o apoio da administração superior e de alguns professores das mais variadas áreas, que desenvolvem projetos de pesquisas e orientam estagiários na condução dos mesmos. Dentre estes projetos,

podemos destacar: Reorganização; Manejo e informatização do herbário; Levantamento florístico do arboreto com atualização de binômios e informatização; Plantas medicinais (todos sob a orientação de professores do Departamento de Botânica do Instituto de Biologia); Educação ambiental (sob a orientação de professores do Instituto de Educação); Levantamento planialtimétrico da área do Jardim Botânico, com a plotação de todas as construções e vegetação nela existente (sob a orientação de professores do Curso de Engenharia de Agrimensura do Instituto de Tecnologia); Levantamento de solos; Levantamento da fertilidade do solo; Orquidário; Bromeliário; Sementeira e viveiros de mudas (sob a orientação de professores do Instituto de Agronomia). Este último projeto tem como principal objetivo a reprodução de mudas, com ênfase em espécies nativas da Mata Atlântica de baixa-terra, visando o contínuo enriquecimento e ampliação das coleções do Jardim Botânico, bem como o conhecimento da biologia dessas plantas, para que num futuro próximo,



Coleção de frutos e sementes (carpoteca)

possamos repovoar com as mesmas, as inúmeras áreas que hoje encontram-se degradadas ou em estágio avançado de degradação. **E**

O Jardim Botânico é um Órgão Suplementar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e está situado na Rodovia BR 465, km 7, Seropédica - RJ, CEP 23890-000. Abeto a visitação, de Segunda a sexta-feira, nos horários: 07:30 às 11:30 e de 13:00 às 17:00. Telefones de contato: (21) 3787-4028 ou 2682-1220, ramal: 3492.



Entrada do Jardim Botânico

Aprimorando a criação

Criação de caprinos e ovinos é motivo de estudo para estudantes e professores do NECO, que oferece apoio a produtores de todo o estado

Assistênciatécnica. Normalmente, este termo é exclusivamente associado a produtos elétricos ou eletrônicos. Porém, aqui na Universidade Rural, assistência técnica tem (e muito) a ver com agricultura e pecuária. Assim como ocorre “lá fora”, a idéia é melhorar o funcionamento de alguma coisa. Projetos como o NECO, que iremos conhecer agora, mostram bem que assistência técnica não é exclusividade de empresas especializadas em produtos eletrônicos e telefonia.

Fundado em 2007, o Núcleo de Estudos de Caprinos e Ovinos (NECO) surgiu de uma iniciativa de

alunos e professores do Instituto de Zootecnia, que visavam reunir pessoas interessadas em ovinocaprinocultura para desenvolver conhecimento e aprimorar técnicas de produção.

Atualmente, o NECO conta com aproximadamente 20 pessoas, que organizam palestras e discussões para a comunidade em geral. Trata-se de um projeto aberto, que funciona como um núcleo de extensão.

Já com os produtores, o Núcleo de Estudos de Caprinos e Ovinos realiza visitas, prestando assistência técnica. A missão é identificar eventuais problemas e propor soluções. “Em alguns casos, vamos fa-

zer apenas um levantamento. Em outros, vamos estabelecer contatos”, comenta Carlos Elysio, professor do Instituto de Zootecnia e coordenador do núcleo. Atualmente, os técnicos têm visitado e treinado produtores que pretendem trabalhar com produção de leite de caprinos e ovinos. Como os produtores são novatos na área e precisam de informações, os especialistas do Núcleo de Estudos de Caprinos e Ovinos oferecem orientação de maneira a evitar que eles se guiem exclusivamente por fontes não muito aplicáveis às suas realidades, como conteúdo de Internet, matérias de revista e livros em geral.



Foto: Acervo NECO

Capril da produtora Marcela Ribeiro, em instalações de avicultura

Produzindo mão-de-obra

Em paralelo ao NECO, há um projeto de estágio para a área de ovinocaprinocultura. Este permite aos alunos irem às propriedades em busca de experiência e aprendizado, de maneira a trazerem estes ensinamentos para dentro da Universidade. “Primeiro, ele treina aqui dentro as coisas básicas, a teoria. Aprende a alimentar e cuidar de filhotes, por exemplo. Depois, quando o estagiário for recomendado por aqui, ele então poderá começar a trabalhar em alguma fazenda ou núcleo de criadores, onde pode aprender ainda mais”, explica Elysio.

Embora seja previsto pelo NECO, o projeto de estagiários tem a participação de pessoas de fora, não necessariamente integrantes do núcleo. Segundo Elysio, o principal objetivo do projeto é o de formar mão-de-obra. “O grande produto está sendo o recurso humano desenvolvido. Não discriminamos os grandes ou os pequenos produtores. Desde o milionário ao cidadão que tem duas cabritinhas para sustentar a família, todos podem fazer parte de nosso trabalho. Minha idéia é gerar mão-de-obra qualificada, que a Universidade precisa oferecer”, comenta o coordenador.

Uma das aliadas de Carlos Elysio na missão do NECO é Aline da Silva Passos, recém-formada pela Rural e orientada pelo professor. Trabalhando no projeto desde o fim de sua graduação, ela comenta que “temos toda a teoria aqui na Rural, mas



pouquíssima prática. Nosso intuito é levar os alunos junto à produção, para que eles se familiarizem à rotina que será encontrada”.

No futuro, Uma câmara setorial

No fim de 2008, UFRRJ, o MAPA, o SEBRAE e o NECO organizaram um evento que foi o primeiro fórum estadual de caprino e ovinocultura do Rio de Janeiro. Com atividades diversas, o evento contou com a presença de mais de 80 pessoas, desde empresários até tratadores de fazendas. “O objetivo da reunião era o de formar um grupo regional sobre o assunto. Este grupo teria integração com a Universidade e buscaria soluções com apoio estadual e municipal em determinados casos”, explica Elysio, acrescentando que este

é o conceito de câmara setorial, mais um plano do NECO.

Há ainda um projeto de revitalização da ovinocaprinocultura. Este visa principalmente diagnosticar como estão estas propriedades e descrever um panorama geral a respeito da situação no estado. “Ainda não temos um financiamento para este projeto. O decanato de extensão nos apóia com transporte, o que permite um diagnóstico inicial, mas é um projeto em desenvolvimento, que depende de financiamento” conta Elysio. A principal intenção é estudar o que foi diagnosticado e propor um plano de ações. Este projeto também andaria junto com a câmara setorial.

Aline comenta que ainda não há qualquer perspectiva a respeito do objetivo final ser alcançado. “Acho que nosso questionário está sendo bem aceito pelos produtores. Estamos ainda no primeiro momento, no início do processo. Não há como se falar em resultados agora”, explica.

O professor Elysio menciona que o projeto de diagnóstico tem sido feito em algumas cidades do estado, gerando uma pequena amostragem. Apesar da falta de recursos (o NECO sequer tem uma sede), os técnicos vão “se virando” com equipamento cedido e emprestado. “O decanato de extensão tem nos ajudado muito. O decano de extensão é uma pessoa muito receptiva, assim como a decana da pós-graduação. A gente tem conseguido colaborações aos poucos” conclui o coordenador Carlos Elysio. 





Prevenir é sempre melhor...

Projeto de extensão da Rural incentiva atividades físicas e integração social entre idosos de Paracambi

Envelhecer é inevitável. Apesar disso, a terceira idade é vista pela maioria como algo distante e, acima de tudo, indesejável. Normalmente, a ideia de ter uma idade avançada é associada a problemas de saúde e a uma certa inatividade. Para a sorte dos idosos de Paracambi, há aqueles que pensam diferente.

Uma parceria entre o sindicato dos trabalhadores da cidade, a Secretaria Estadual de Saúde e a UFRRJ originou um projeto de extensão que visa oferecer um ganho de saúde e qualidade de vida para os idosos de Paracambi. Espalhado por sete localidades, o projeto mobiliza estagiários, profissionais e, prin-

cipalmente, um grupo de pessoas de meia idade e terceira idade.

Professor adjunto do departamento de Educação Física da Rural, Camilo Camões trabalha no projeto há cinco anos, praticamente desde seu início. Apesar da especialidade em atividades físicas, Camilo não despreza o trabalho social proposto. “O objetivo não é apenas gerar saúde, mas oferecer lazer e qualidade de vida”, destaca.

A ideia principal é promover atividades físicas com acompanhamento para os idosos. Além disso, atividades de integração, como jogos e palestras, também são realizadas. Há ainda eventos culturais, como visitas a museus.

Atualmente, cerca de 400 pessoas participam do projeto. Este número, embora bem significativo, é considerado flutuante, pois varia com grande frequência.

Os núcleos do projeto são normalmente escolas e clubes de diversos bairros de Paracambi, além de um local chamado Cassino, situado no centro da cidade. A divulgação fica a cargo do Sindicato, que faz uso de jornais e panfletos, além das próprias atividades. As festas acabam mobilizando muita gente, o que faz com que o projeto seja muito conhecido. Para se ter uma ideia do quanto o movimento vem crescendo, no início do projeto eram apenas 30 pessoas.



Integrantes do Grupo Qualidade de Vida em Paracambi



Estagiário e participantes do projeto

Investindo na prevenção

Recentemente, o Projeto de Atividade Física para a Terceira Idade passou a receber um financiamento anual de aproximadamente R\$ 56 mil do governo federal, por meio do PELC (Programa de Esporte e Lazer na Cidade, iniciativa federal). Esta bolsa visa melhorar ainda mais a qualidade dos serviços oferecidos, com a contratação de profissionais e a aquisição de equipamentos.

Em outros municípios do estado, há projetos do mesmo gênero, também com bons resultados. Segundo Camilo Camões, foi feito um programa de caminhada em São Paulo envolvendo muitos profissionais da área de saúde. Neste, as pessoas foram orientadas a caminhar duas vezes por semana e, com isso, o estado teve uma economia de R\$ 700 milhões em apenas um ano. Dados como este fazem o professor enfatizar que trata-se de um investimento saudável.

Apesar dos evidentes efeitos positivos da caminhada, Camilo explica que andar com preocupação ou sem ritmo é diferente de fazê-lo como atividade física. Ainda de acordo com o professor, é importante caminhar, mas com uma avaliação médica antes, como é oferecido pelo projeto. Sendo assim, não basta um trabalho de conscientização da população idosa. É necessário um programa de acompanhamento.

Todo este trabalho visa prevenir futuros problemas, ocasionados não somente pela idade avançada, mas principalmente pela escassez de hábitos saudáveis durante a juventude. “Infelizmente, não temos a cultura da prevenção, ainda não somos educados para prevenir a situação da terceira idade e buscar qualidade de vida. Em países asiáticos, este trabalho começa aos 27 anos”, comenta o professor Camilo.

“**Infelizmente, não temos a cultura da prevenção, ainda não somos educados para prevenir a situação da terceira idade e buscar qualidade de vida.**”

Melhoras que saltam aos olhos

O projeto conta com uma enfermeira, que visita os postos diariamente, aferindo a pressão arterial das pessoas. A intenção é manter o controle do estado de saúde dos idosos participantes, de maneira a oferecer a melhor qualidade de vida possível.

“Essas iniciativas em que se realiza a prevenção, seja na saúde ou

na educação, sempre trazem melhora na qualidade de vida. Seja a médio ou a longo prazo. Nós, das áreas de saúde e educação física, tentamos ajudar da forma que conseguimos”, comenta Camilo. Ele acrescenta que o projeto começou de maneira simples e agora toma grandes proporções, inclusive com resultados marcantes. “Há pessoas que já estiveram internadas e participam bem do projeto, apresentando sensível melhora”, exalta.

O professor ressalta ainda que, a partir dos 60 anos, as pessoas começam a ter déficit cognitivo, uma espécie de perda de memória. Por este motivo, são trabalhadas também a área intelectual e os hábitos culturais dos idosos.

“O objetivo não é formar atletas, mas sim preencher a vida destas pessoas com atividades saudáveis. Li uma frase de um senhor, que dizia 'Fiz tudo para envelhecer com saúde e não consegui: continuo jovem'”.

Próxima parada: Seropédica

Com o sucesso do projeto, a procura tem sido grande. Como não há um limite de vagas, ninguém é rejeitado. Porém, a tendência é que as ações não fiquem apenas em Paracambi, vindo para mais perto da própria Rural.

Aproveitando a experiência destes cinco anos, a professora Angélica, uma antiga coordenadora, começou a adaptar o projeto para Seropédica. Segundo Camilo, este já foi aprovado no conselho departamental da universidade. “Vamos agora procurar a secretaria de ação social da cidade, que poderá nos ajudar”, comenta.

Camilo Camões observa que a Rural ficou muitos anos afastada da comunidade. Segundo o professor, a universidade não deve apenas usufruir da sociedade, mas sim fazer parte dela.

Ele conta que, no início do projeto, os idosos de Paracambi estranharam quando viram que a universidade estava oferecendo algo para eles. E de graça.

O ideal seria que uma ação social da universidade não cause tamanho estranhamento, mas que seja mais uma, entre muitas. 

Valorizando o currículo

Sendo o primeiro do país a oferecer residência em agronomia fora dos portões da universidade, projeto de extensão tem sido muito procurado por graduados na área

Desde o ano de 2000, um projeto inovador de extensão da Universidade Rural tem sido responsável por lançar no mercado de trabalho engenheiros agrônomos com uma experiência muito além da sala de aula. Denominado “Residência em Engenharia Agrônômica”, o programa oferece residência, prática comum em cursos da área de saúde, para recém formados em Agronomia em busca de aperfeiçoamento profissional.

Sendo o único em todo o país que faz residência externa à Universidade, o programa chama a atenção inicialmente pelo ineditismo. A idéia de se proporcionar residência para profissionais recém formados da área de Agronomia não é nova por si só. Porém, nos demais locais, esta ocorre sempre dentro dos limites da própria instituição. Em Piracica-

ba, por exemplo, um programa de residência é feito com os alunos, que permanecem em uma fazenda da própria universidade.

“A saída do aluno faz com que a universidade seja muito divulgada, além de funcionar como ação de extensão, pois tem permitido uma troca entre a universidade e o setor produtivo” comenta o coordenador do projeto, Eduardo Lima, engenheiro agrônomo e professor do Departamento de Solos, do Instituto de Agronomia da UFRRJ.

Como surgiu

Eduardo conta que a idéia veio com o retorno ao Brasil do professor Gabriel de Araújo Santos, que fez doutorado na Universidade de Toulouse, na França. Lá, ele interagiu com o curso de Agronomia, que apresentava um sistema muito interessante de residência: o estudante ingressa-

va e, logo nos primeiros 6 meses, o governo bancava sua ida para uma propriedade. Produtores cadastrados no programa recebiam o estudante, que começava a trabalhar em suas terras. As propriedades eram de agricultura familiar.

Depois desta fase na propriedade, o estudante finalmente ia para a universidade, onde ficava até a fase final do curso. Prestes a concluir, ele retornava à residência, fazendo outro estágio de vivência. Tudo pago com bolsa do governo francês.

Impressionado com o que vira, Gabriel recebeu no Brasil dois alunos franceses. “Eu ajudei a receptioná-los. Neste contato, o prof. Gabriel e o Prof. Clarindo Aldo Lopes (na época Diretor do Instituto de Agronomia) tiveram a idéia de fazer um programa semelhante aqui na Rural”, conta Eduardo.



Pátio interno do Instituto de Agronomia

Apesar das intenções em se repetir aqui o projeto de sucesso visto por lá, ambos tinham consciência de que nosso governo não tinha, na época, qualquer condição de oferecer um treinamento nos mesmos moldes. Especialmente porque, em Toulouse, a residência era para todos os alunos. No Brasil, certamente, muitos não teriam como ser contemplados com tal oportunidade.

“O que vimos que podia ser feito era este programa de residência, que funciona aos moldes da residência médica e veterinária, com a diferença que estas outras duas são oficializadas pelo governo, que doa bolsas para a universidade pagar o residente, que já foi graduado e é remunerado” explica o coordenador.

Foi aí que se pensou em montar um programa de pós-graduação com aperfeiçoamento profissional em serviço. O aluno, assim, teria a possibilidade de se desenvolver em um ou dois anos em alguma atividade envolvendo Agronomia. A bolsa do residente é paga justamente pelo órgão público ou empresa que oferece vagas para o programa.

Desta forma, o projeto “Residência Agrônômica” começou em 2000, tendo como primeiro parceiro o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento na Superintendência do Rio de Janeiro. Foram reservados recursos para certo número de residentes. No início, o programa ainda custou um pouco para avançar significativamente. O apoio veio quando o professor Nelson Moura Brasil do Amaral Sobrinho assumiu o Instituto de Agronomia, convidando Eduardo Lima para assumir a coordenação do programa.

Oportunidade de ouro

Os números não mentem: o programa “Residência Agrônômica” tem trazido resultados e oportunidades para os agrônomos recém formados. Segundo Eduardo Lima, o mercado de trabalho absorve mais de 70% dos estudantes, que tem dois orientadores: um no local da residência e outro na própria Universidade. “Diante deste fato, ficamos com a certeza de que estamos cumprindo nosso objetivo, oferecendo um verdadeiro aperfeiçoamento



Instituto de Agronomia

profissional”, comemora o coordenador do projeto, acrescentando que os profissionais que saem deste programa são valorizados pelo mercado pelo fato de terem vivência profissional, o que é raro.

Tanto sucesso não poderia passar despercebido. Atualmente, as vagas na residência têm sido duramente disputadas por meio de um edital público. O processo seletivo é realizado por uma banca examinadora composta por professores e técnicos e consiste de avaliação teórica (prova sobre o assunto específico da vaga da Residência), análise curricular e entrevista. Podem participar graduados há até três anos, formados em qualquer Universidade do Brasil. A idéia é dar um aperfeiçoamento para quem está iniciando a carreira.

“O programa está tão interessante que temos agora quatro residentes fazendo trabalho no México, em uma empresa que trabalha com agricultura orgânica. Eles pretendem atuar no Brasil e contataram uma empresa que nos solicitou quatro residentes, que foram para lá estudar e aprender sobre os produtos para depois retornarem”, comenta Eduardo.

Hoje, além do programa de residência agrônômica, que foi o primei-

ro da Rural, já estão atuando os programas de Residência em Engenharia Florestal e Zootecnia. Além de outros que se encontram em fase de formatação.

Até agora, o projeto ofereceu residência na Embrapa, na Pesagro, no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e em empresas privadas. Em um convênio estabelecido com usinas de açúcar do Paraná, a terceira turma está para ser formada, atingindo o número de 65 pessoas capacitadas pelo programa junto a esse convênio.

“Temos uma série de possibilidades. De 2000 para cá, mais de 220 estudantes passaram pelo programa. Destes, grande parte acabou sendo absorvida pelo próprio local em que fizeram residência. Só não é o caso de órgãos públicos, que dependem de concurso”, explica Eduardo. “Esta tem sido uma experiência muito estimulante e que faz com que, mais uma vez, a Universidade cumpra com o seu papel na sociedade brasileira. Gostaria de aproveitar a oportunidade para incentivar colegas de outros cursos a desenvolverem projetos semelhantes em função do sucesso que os programas existentes na Rural têm obtido”, finaliza Eduardo. **E**



Mensagem de despedida à professora Tânia Melquiades



Tânia Mara Melquiades de Souza

Turismóloga, Docente do DAT - Departamento Administrativo de Turismo, Curso de Turismo do IM - Instituto Multidisciplinar - Campus Nova Iguaçu.

No ano de 2006, a UFRRJ recebia os primeiros docentes do Instituto Multidisciplinar, uma nova unidade acadêmica desta universidade em Nova Iguaçu, com a expectativa de por muitos anos ver ações e viver transformações advindas de cada docente recém-chegado. Contudo, após dois anos de convivência, nos vimos diante de nossa primeira despedida, a da querida professora Tânia Mara Melquiades de Souza.

Por mais que lutemos, uma despedida é sempre muito triste, pois se não estamos preparados para dizer adeus por alguns instantes, imaginem um adeus para sempre. Contudo, não trataremos a despedida aqui, como a renúncia a tudo que se pensava ter, fazer ou viver, e sim como uma distância inevitável de uma convivência prazerosa e saudosa, pois nossa querida colega não se foi completamente, dei-

xou lembranças e saudades em nossos corações, ensinamentos e conhecimentos para o nosso caminhar e mais do que isso, deixou um nome: Tânia Melquiades, que sempre será lembrado, lido num registro e no dia em que se ouvir “Quem foi?”, Tere-mos a certeza que a nossa colega nun-

Mas quem foi Tânia Melquiades?

Na vida pessoal, um ser humano apaixonado pela linda família que constituiu. Quem de sua convivência, nunca a ouviu falar calorosamente do seu marido Nelson? Quem de nós nunca ouviu as histórias orgulhosas dos filhos Gabriela e Gustavo? Família: seu maior tesouro, sua grandiosa realização.

Na vida profissional, uma turismóloga abnegada pelo turismo, planejamento, desenvolvimento e sustentabilidade, desenvolvimento local e regional. No IM /UFRRJ, a Tânia era um exemplo de dedicação às atividades de ensino do curso de graduação em Turismo, uma fonte de inspiração para os futuros profissionais formados pela Universidade. Devido ao seu “olhar” diferenciado sobre o seu papel na Universidade, após alguns meses de seu ingresso na UFRRJ a professora Tânia Melquiades coordenou um projeto de formação de agentes sociais para a gestão da política de saneamento ambiental no município de Nova Iguaçu, contem-

plado pelo Proext MEC/Cidades 2006. As atividades de extensão desenvolvidas pelo projeto surgiram a partir da identificação pela professora, das demandas locais de saneamento ambiental e da necessidade da formação de agentes de mudanças desta realidade. Felizmente, Tania teve a oportunidade de ver os frutos de suas ações, com a priorização da prefeitura municipal pela contratação dos alunos formados pelo curso para atuação na obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Uma contribuição imensurável para a consolidação da Extensão do Instituto Multidisciplinar em Nova Iguaçu e municípios adjacentes, como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes na comunidade. Ademais, estas atividades muito contribuíram para a formação de futuros profissionais cidadãos. Sua intensa trajetória universitária, ainda foi marcada por atuações em atividades de pesquisa em turismo, orientações de discentes, chefia de departamento, entre tantas outras.

Como diria Machado de Assis: “Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho, há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!”. Com sabedoria, toda a comunidade universitária substituirá o choro pelo espinho da sua perda, em troca do sorriso pela rosa que foi em nossos jardins.

Texto: Luciana H. Maia Porte



Pátio interno do Instituto de Biologia

Nosso saber está na natureza.